

79. Quando morre um parente, parte da gente morre junto

Suzana Primo dos Santos

Sou Suzana Primo dos Santos, do povo Karipuna. Trabalho no Museu Paraense Emílio Goeldi, no Acervo de Etnografia, por isso, atualmente, estou morando em Belém, no estado do Pará. Quando a pandemia começou na China não achei que ela fosse chegar nas aldeias, percebi que ela chegaria até nós quando aconteceu o primeiro caso no estado de São Paulo, no sudeste do Brasil. Desde então os momentos estão sendo muito difíceis. Passamos mal, tive a COVID-19, minha filha e meu marido também tiveram. Pensei que um de nós fosse morrer. Tive dor de cabeça, na garganta e no corpo por mais de vinte dias. Pensava como seria se ficássemos com falta de ar e também se minhas irmãs no estado do Amapá ficassem doentes.

A COVID-19 está nas áreas indígenas, já morreram parentes Karipuna nas aldeias e parentes de outras etnias em todo o Brasil. Nas aldeias em Oiapoque muitos parentes ficaram doentes, também sabemos que muitos se trataram tomando remédios caseiros, chás. Não sabemos o que pode vir depois dessa doença, quais são suas consequências. Morreu um cunhado meu, Fernando Forte, uma grande liderança e guerreiro que lutava pela causa dos povos indígenas de Oiapoque. É muito triste quando você vai perdendo seus parentes para esta doença, pois, quando morre um parente, parte da gente morre junto, é um pedaço que vai embora e não volta nunca mais. É triste ver as lideranças e os idosos indo embora, vejo que quem mais morre de COVID-19 são os antigos e com eles morrem muitas histórias.

Durante este tempo de pandemia venho pensando muito em minha Aldeia Santa Izabel, no Uaçá. Rezo para Deus, para os *karuãnas*, para a Cobra Grande Aramari, para a Estrela Dalva que é *Arukamã*, para socorrerem os povos de Oiapoque.

Belém, Pará, Brasil

02 de agosto de 2020